

A Presença de Cabo Verde na Exposição Internacional de 1865

Elvira Azevedo Mea

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 737-749

A Presença de Cabo Verde na Exposição Internacional de 1865

Elvira Azevedo Mea *

Habitados que fomos, pelo Professor Oliveira Ramos, a pesquisar "em banda larga" ao procurar fontes para qualquer tema, aquando duma das minhas visitas ao Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde, deparei com um pequeno acervo documental relativo à primeira exposição internacional portuguesa, realizada no Porto, em 1865, marcando a inauguração do Palácio de Cristal.

Trata-se de algumas relações, actas e correspondência vária acerca da presença do Arquipélago na referida exposição, que me pareceu oportuno escolher para esta justa homenagem ao nosso Professor, visto que toca uma parte do muito que nos ensinou: um tema oitocentista, que se insere na História da Colonização Portuguesa, nomeadamente Cabo Verde, sobre o qual se debruça o próprio Oliveira Ramos num dos seus muitos artigos, *Cabo Verde, carências e perspectivas de fomento (1827)*¹, e simultaneamente se inclui ainda na História do Porto.

Curiosamente, enquanto aluna, tinha feito uma busca nos periódicos da época acerca da dita exposição e da polémica gerada à sua volta, pelo que a coincidência revelou-se interessante, tanto mais, que não obstante a escassa documentação, ela permitiu-nos corroborar a opinião da decisão tardia quanto à realização do evento e falta de organização, que mais que as graves carências e atrasos da indústria portuguesa, contribuíram para uma cerrada crítica a nível nacional e internacional.

Por outro lado, ainda que parcialmente, permitiu-nos apreender alguns meandros da organização colonial e sobretudo aquilatar das potencialidades do Arquipélago caboverdiano, o seu painel económico, apesar de recém saído duma das piores crises de sempre, a década de 1850-1860. Esta situação era ainda agravada pelo agudizar da problemática da escravatura e consequente interferência inglesa na região, para além da instabilidade governativa, pautada sempre pelo desinteresse e falta de estratégias relativas ao ultramar.

Assim, e como nos repetia o Professor Oliveira Ramos, em termos de pesquisa tudo tem valor desde que bem utilizado, verificadas todas as hipóteses e relações possíveis e imagináveis.

A primeira exposição internacional portuguesa realizou-se na cidade do Porto em Setembro de 1865 com a presença de expositores representantes de quinze países², evento que marcou a inauguração do Palácio de Cristal e simultaneamente proporcionou à recém Invicta a consagração de "cidade do trabalho", precisamente quando se postava na industrialização do país.

A exposição do Porto, como também foi denominada e por alguns, de modo pejorativo, foi a quarta exposição internacional realizada após as de Londres, Paris e Florença.

À boa maneira portuguesa, a proposta para a *realização* da exposição foi aceite em Julho de 1864 pela Assembleia Geral da Sociedade do Palácio de Cristal, o anúncio da mesma data de 21 de Novembro de 1864.

* Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DH.

¹ Domingues, Francisco Contente; Barreto, Luís Filipe "A Abertura do Mundo. Estudos de História dos Descobrimentos Europeus", vol. II, Lisboa, Ed. Presença, pp. 167-180.

² Portugal, Espanha, França, Itália, Suíça., Bélgica, Holanda, Confederação Germânica (Áustria, Prússia, Saxónia, Baviera, Hannover, Baden, Hesse, Saxe-Coburgo), Reino Unido, Dinamarca, Império da Rússia, Império Turco, Brasil, Estados Unidos e Japão.

Os jornais portugueses divulgaram de imediato o evento, em simultâneo com o estalar da polémica sobre o mesmo, também à boa maneira portuguesa, que desde Fogo apelidou a exposição de "loucura"; para uns uma "loucura sadia", para outros uma "loucura" pura e simples, ou quando muito uma utopia megalómana, irrealizável no espaço e tempo anunciados, com a apresentação duma indústria inexistente, o que faria cair o país no ridículo³.

Por sua vez a Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar a 3 de Novembro enviou circulares a todos os governadores das províncias ultramarinas recomendando que "... devem desde logo incitar cuidadosamente o zelo de todos a quem competir ou interessar e adoptar as providências necessárias para que os produtos especiais das respectivas províncias, quer da indústria, quer da agricultura, sejam remetidos para Lisboa o mais breve possível..."⁴

Os produtos admitidos seriam distribuídos por quatro secções distintas: 1. matérias primas e suas transformações imediatas; 2. máquinas; 3. produtos manufacturados e processos correlativos; 4. belas-artes.

É óbvio que o atraso estrutural penalizou mais as províncias ultramarinas, pelo que logo condicionou e determinou lacunas significativas na participação do Arquipélago de Cabo Verde, dadas as deficiências de comunicação regular entre as dez ilhas e entre elas e a metrópole.

Com efeito, data de 4 de Abril de 1865 a portaria que nomeia a comissão encarregada de adquirir e coligir produtos representativos do arquipélago e sensibilizar os moradores das diversas ilhas para uma participação activa, o que releva desde logo ao governador Geral o presidente da referida comissão, Rodrigo de Sá Nogueira, o qual, assinala em meados de Junho a impossibilidade de comissão se constituir em maioria devido à ausência de membros ocupados no serviço público e afazeres habituais, pelo que pede autorização para a comissão se constituir assim mesmo.

Neste contexto e não obstante serem enviadas de imediato circulares para todas as ilhas, a verdade é que a comissão continuou com dificuldades em trabalhar, situação a que não parece ser estranha também a frieza de relações com a metrópole, mercê do seu distanciamento e pouco empenho na resolução dos terríveis problemas de seca, fome e doenças que tinham assolado o Arquipélago durante uma década.

De notar, que mesmo descontando a fiabilidade dos números relativamente à população caboverdiana, aparecem-nos mudanças sintomáticas precisamente nesta época:

Enquanto a população ronda as 58401 pessoas em 1807 (55833 em 1834) entre 1869-1879 é já de 84550, o que se justifica com um hiato maior entre as crises crónicas, a partir precisamente da década de 60, não deixa de ser significativa a modificação quanto a alguns estratos:

	1807	1869/1879
Branços	1752	919
Mulatos livres	24250	
Pretos livres		83631
Pretos forros	27290	
Escravos	5109	

Aparentemente a escravatura acabara, o que sabemos não ser verdade, para além de que

³ Latino Coelho, por exemplo, no "*Jornal do Comércio*" de Lisboa, argumentava:

"Tem Portugal a categoria industrial suficiente para pretender para si a proeminência da direcção? Tem a sua indústria progredido tão notavelmente que possa desde já afrontar, não dizemos a indústria da França e da Inglaterra, mas a das nações industriais de segunda ordem? Não seria prudente esperar que mais incontestáveis progressos, trazidos pelos anos e pela maior actividade do trabalho português, justificassem com mais sérios fundamentos a nossa pretensão?..."

Pinheiro Chagas, apesar das dúvidas quanto à viabilidade da exposição, não deixa de, perante o inevitável, defender:

"...Portugal é solidário do Porto. Glória ou vergonha que resulte da Exposição, há-de cair sobre todos nós. Não o deixemos só em tão arrojado cometimento; capitalistas de Lisboa, de todo o reino, imprensa, mãos à obra! Cessem todas as discussões; soou a hora do combate. Foi uma temeridade? Está feita. Não cruzemos os braços. Ajudemos a companhia enérgica, que já tem feito maravilhas, e há—..." de fazê-las ainda maiores. *Jornal do Comércio*" de 23/2/1865.

⁴ *Catálogo Oficial da Exposição Internacional do Porto de 1865*, Porto, Bib. Pública Municipal do Porto, 1865, pp. VIII e IX.

ex-escravos forros ou livres continuavam a viver com os seus ex-donos: por outro lado o resvalar do critério quanto à designação de mulatos e pretos é elucidativa⁵.

A diminuição dos brancos parece estar ligada ao desinteresse dos metropolitanos pelo arquipélago, pelo menos em termos de fixação permanente, não obstante várias tentativas no sentido de dar uma visão diferente e mais real de Cabo Verde. Foi o caso do deputado António Maria de Fontes Pereira de Melo, que tendo lá vivido e enquanto representante daquele território (1848-1851), tudo fez, servindo-se da sua arguta inteligência e do dinamismo que lhe era característico, para modificar as ideias estereotipadas acerca do Arquipélago e das colónias em geral, de modo a se ter em conta as especificidades de cada uma e, portanto, se adequar a legislação e quaisquer medidas políticas a uma determinada realidade. Pouco ou nada conseguiu mesmo quando já com o início da crise pretendeu ajuda urgente, pois então na Câmara dos Deputados a realidade que se vivia era outra, a metrópole era o centro do mundo e tudo o resto paisagem⁶.

Os políticos continuaram a ter uma visão desfocada e globalizante das províncias ultramarinas e daí o interesse marginal que tiveram para a sua participação na exposição internacional, até porque também eles desconheciam muitas das suas potencialidades e competências.

Assim, não admira que, mesmo com o empenho da comissão indigitada para o efeito, e das suas filiais nas diversas ilhas, não se tenha notado propriamente entusiasmo, apesar do possível proveito que daí podia advir. Por outro lado existiam algumas indefinições acerca de quem pagaria as despesas com fretes e acondicionamento dos produtos que obviamente os interessados não se sentiam de suportar, dadas as dificuldades que então se viviam, como indica o presidente da comissão da Boa Vista, Francisco António Lemos, director da Alfândega e delegado de Saúde interino, referindo mesmo que nem a Alfândega poderia arcar com tal dispêndio⁷.

Acordou-se então que os expositores ficariam com o encargo das despesas de acondicionamento dos seus produtos, cabendo à comissão as despesas do transporte até à cidade da Praia, donde seriam enviados para a metrópole.

Entretanto em meados de Maio os editais anunciavam a exposição e na Boa Vista, logo a 13 de Junho se comunicava à comissão central o envio de produtos já seleccionados segundo o Regulamento e ainda um suplemento de última hora que, portanto, já não constava do mapa elaborado.

E ajeito de conclusão afirmava Francisco António Lemos:

" Sinto bastante não poder ampliar e melhorar a collecção, mas V. Ex.^ã. não ignora que esta Ilha é uma das mais limitadas em produções de toda a espécie, e que a maior parte das classes indigentes que a habitam, propendem naturalmente para o ócio; o comércio está quasi totalmente paralisado; não se dedicam às artes; não desenvolvem a agricultura, e em fim preferem antes viver na indolência que votarem-se ao trabalho, porque carecem da precisa illustração e conhecimentos para sentirem que d' elle dimana immediatamente a virtude; d'esta a civilização e de todas a riqueza e independência, únicos dotes que podem tornar feliz um povo verdadeiramente livre."⁸

Na Praia dificuldades de toda a ordem avolumavam-se com o atraso havido de início e outros percalços que impossibilitavam o envio a tempo dos produtos que mais facilmente se tinham podido juntar, pelo que o relatório da comissão enviado a 14 de Julho é naturalmente cáustico:

"... O pouco tempo que decorria desde a organização da comissão até á época annunciada para a recepção dos productos, succedendo ir para Angolla a mala onde vinham as instrucções estabelecidas pela comissão central, as quais só chegaram a esta cidade dois mezes depois, a difficuldade de communicações com as differentes ilhas do archipelago e costa da Guiné, tornando-se então mais morosas que as transmittidas da metrópole; a pouca variedade de productos por effeitos das crises alimentícia e sanitária, que flagellam esta provinda; o estado de abatimento moral e do mais com-

⁵ Adelino M. Almeida, "A partilha de África no século XIX e a definição dos limites dos territórios portugueses", *Africana*, N^o especial 2, Porto, Universidade Portucalense, 1994, p. 72.

⁶ Ver de Fernanda Paula Sousa Maia, "Fontes Pereira de Melo deputado por Cabo Verde (1848-1851)", *Africana*, n^o especial, 6, Porto, Universidade Portucalense, 2001, pp. 279-307.

⁷ Curiosamente nessa carta datada de 1 de Maio de 1865, Francisco António de Lemos, pensa que o rei é ainda D. Fernando, "o rei magnânimo, o rei artista" como era apelidado.

⁸ Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde, Secretaria Geral do Governo, AI, Correspondência, Abril-Setembro de 1865.

pleto indifferentismo, que dominam actualmente os filhos d'esta terra, por se acharem exhaustos do mais necessário à vida, e, até mesmo, o desanimo que existe em individuos que podiam figurar como expositores, pelo imperdoável esquecimento de não lhes terem sido ainda distribuidas medalhas de agradecimento conferidas pelos productos que apresentaram na exposição de Londres, foram causas que muito concorreram para a comissão encontrar sérios embaraços no desempenho da missão que lhe foi confiada. Em todos os membros desta comissão existião contudo, elevados desejos de corresponderem à confiança com que Sua Excellência os onrou, e todos teem a consciencia de haverem empregado os meios ao seu alcance para que a província figurasse ao menos de uma maneira airosa na grande festa da industria e do trabalho, que a segunda cidade de Portugal apresenta ás nações cultas do mundo.

De todas as ilhas do archipelago é, por enquanto, a ilha da Boa Vista a que apresenta maior número dos seus productos, e de todos os expositores da provinda é o senhor António da Costa Ferreira Borges, natural da cidade do Porto, e pharmaceutico do quadro militar de saúde, que, com mais variedade de exemplares concorreu ao chamamento da grande festa que a sua pátria abre a nacionaes e estrangeiros.

Das restantes ilhas o número de exemplares é defficiente, não tendo ainda chegado de algumas da costa da Guiné, continuando esta com a comissão a remetter todos os productos que lhe foram entregues.

Em épocas normais, com tempo sufficiente para se colleccionarem productos, muitos mais exemplares concorreriam á exposição, por que muitos géneros há nesta província quasi desconhecidos dos estrangeiros, que, propalando-se a sua existência, e grande producção, decerto a affluência ao mercado seria maior com summa vantagem para este paiz; na crise actual, porem, e com o pouco tempo que decorre á abertura da exposição, torna-se impossível muito maior remessa. Não menos succede com muitos exemplares scientificos da costa de Guiné, de grande valia, e excellente aquisição para os museus zoológicos, que por falta de tempo, e até mesmo de meios para a sua compra, não figuram, bem a pezar da commissão, na grande e civilisadora festa, em que a sciencia de mãos dadas com o trabalho material representa um tão grandioso papel.

Hoje, que também no nosso paiz está aberto o exemplo da concorrência dos productos nacionaes e estrangeiros ás exposições internacionaes, temos fé que serviço de igual natureza tornará a ser prestado por habitantes desta provinda, e oxalá, então, em época mais feliz, e com todos os meios necessários para taes aquisições, figure Cabo Verde como uma das colónias portuguezas de primeira ordem e mostre aos nacionaes e estrangeiros quanto esta província pode ser útil á nação; empregando o governo os meios necessários para que ella produzza quanto deve e pode.⁹

O próprio presidente da comissão, Rodrigo de Sá Nogueira, no fim do seu mandato reitera a escassez de tempo, a crise instalada há já dois anos e "os dissabores actualmente companheiros inceparaveis dos que aqui vivem", gente que, não obstante tudo isso, com os "corações animados pelo amor pátrio, e pelos desejos de ver prosperar a sua terra, para alguns pátria adoptiva... curaram com toda a força de vontade e de dedicação, de que os productos naturaes de Cabo Verde figurassem na primeira exposição internacional portuguesa".¹⁰

Na realidade de toda esta correspondência ressalta, como vincou Sá Nogueira, a imensa força de vontade dos caboverdianos de participar, de fazer conhecer as potencialidades do território, que sentiam e sabiam estar muito longe do conhecimento e perspectivas de estrangeiros e nacionais, de tal modo, que houve ainda quem mandasse produtos já depois da última remessa ter sido enviada para a metrópole¹¹, o que apesar de tudo, foi feito atempadamente.¹²

Mesmo assim, foram enviados 186 productos da província de Cabo Verde e Costa da Guiné,

⁹ Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde, Secretaria Geral do Governo, AI, "Correspondência", Abril-Setembro de 1865..

¹⁰ Ibidem, doc. n.º 38 de 14 de setembro de 1865.

¹¹ Foi, entre outros, o caso do senhor Marcellino Freire de Andrade, que anuiu a que os seus productos fossem enviados ao museu de Lisboa, dado o seu interesse científico.

¹² O envio das colecções foi realizado em duas fases: na primeira, foram enviados os productos da Guiné, num palhote de guerra; depois, a 28 de Agosto, oitenta e dois productos, das ilhas de Santiago, Fogo e Guiné, no vapor Cossar.

apesar de também aí terem existido críticas ao desempenho da comissão¹³.

Entre esses, refere o presidente da comissão, "figuram alguns que conhecendo-se a sua aplicação e talvez os seus grandes usos na industria, innumeraveis vantagens podem resultar para as artes e para este paiz. D'este numero representam o primeiro papel as diversas espécies de mineraes, os quaes com a devida auctorisação dos cavalheiros expositores, acabada a exposição, serão entregues com outros exemplares ao director do museu nacional de Lisboa, o senhor doctor José Vicente Barbosa do Bocage, afim de serem devidamente analysados no laboratório da Escola Polytechnica."¹⁴

Toda esta perspectiva razoavelmente optimista apesar de estar "esta infeliz terra hoje acossada por todos os horrores que a fome, doenças e misérias lhe acarretaram" foi uma vez mais gorada pelo desinteresse e incúria das autoridades, interessadas apenas pelo que estava próximo e poderia oferecer lucros fáceis e imediatos.

De notar, que dos 186 produtos embarcados, constaram da exposição menos de metade, 83, mesmo se se pode inferir que possíveis repetições ou semelhanças foram integradas numa só designação.

O que teria acontecido, dado que os produtos já iam seleccionados de acordo com o regulamento? Ter-se-iam perdido ou foram extraviados?

Analisando e comparando com um certo cuidado as respectivas listas, verifica-se que quanto à Guiné e ilhas consta apenas do catálogo oficial um único produto enviado pela comissão de Bissau, "mendobim"¹⁵, o resto desapareceu por completo. Os produtos provenientes do arquipélago cabo verdiano sofreram um desbaste, a nosso ver, fraudulento, pois, verifica-se que desapareceram os produtos susceptíveis duma utilização imediata, como panos, peles, madeiras, cordas, tabaco, sabão, caixas, e outros produtos artesanais, xaropes e aguardentes, mel, óleo, feijão.

Infelizmente desconhecemos a reacção dos expositores a estes desaparecimentos de produtos que tinham sido arrançados e reunidos à pressa, devido aos crónicos atrasos somados às dificuldades de comunicações; produtos, que, como vimos, foram fruto de sacrifícios vários, levados a cabo para fazerem incidir a atenção da metrópole para as potencialidades desconhecidas e portanto, completamente inaproveitadas dum território, que não obstante todas as calamidades sofridas, continuava vivo e desejoso de ajuda para progredir.

Não sabemos se uma vez mais houve medalhas que não foram distribuídas, mas uma coisa é certa: Cabo Verde continuou fora da linha de horizonte dos governantes, entregue a si mesmo, perfeitamente só e isolado à mercê de apetências estrangeiras, outra calamidade que também arrostou e que conseguiu superar com o capital humano local.

APÊNDICE DOCUMENTAL Relação dos

produtos enviados pelo Senhor Governador da Guiné:

- 1 Sacco com Mancarra ou Amendoim.
- 1 " com Mancarra que se cultiva no archipelago dos Bujagós.
- 1 " com Gomma do tio Corubal.
- 1 " com algodão em rama.
- 1 " fechadura das que usão os gentios Papeis.
- 2 Fios de conta de ovo de peixe que usão os Bujagós por elles feitas.
- 11 Amostras de madeiras de Guiné.
- 1 Sacco com tinta do Paiz, ou Anil. 1
- Sacco com Amêndoa de palma.

¹³... apesar de opiniões desfavoráveis ao serviço que prestamos, opiniões que nunca deixam de ser expandidas por alguns que tem por habito monospresar serviço que não fazem;"

Arquivo Nacional Histórico de Cabo Verde, Secretaria Geral do Governo, AI, Correspondência, Abril-Novembrc.38.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Amendoim.

- 1 Sacco com purgueira.
- 1 Garrafa com azeite de palma.
- 1 Sacco com Malagueta de Guiné (preta).
- 1 Pacote com cera limpa.
- 1 Cesto com Cola.

... Designação dos nomes e usos das madeiras remetidas de Bissau...

Goiaba - Serve para vigamentos de prédios e para quilhas de navios, entaboamento d'elles, durando muito quando se conserve debaixo d'agua. Há muita porção, e o seu preço é de 1800 reis cada 40 pés cúbicos.

Sibe - Serve para madeiramento de prédios, sendo muito rijo e de muita duração. Os sibes inteiros servem para estacadas, durando muito tempo. Custa 1440 reis cada um. Velludo - Boa madeira, muito rija, mas de poucas dimensões.

Conta - Serve para toda a qualidade d'obra; é muito rija. Custa 27000 reis cada 40 pés cúbicos.

Macete } Para construcção de botes finos, é d'alguma duração, mas muito leve.

Sangue - Serve para toda a qualidade de obra de carpinteria e marceneria; é muito macia.

Bipilão - É o bom mogno. Custa a 27000reis cada 40 pés cúbicos.

Salança - Para construcção d'embarcações.É bôa madeira.

Tarafe - Serve para vigamento de casas.É muito direito , mas frágil e de pouca duração.

Alfarroba - Não se emprega por ser madeira muito molle"

Relação dos produtos enviados pelo Senhor Manoel Pinto d'Almeida Araújo:

- Terra (cimento) duas qualidades.
- Producto marítimo encontrado na cabeça de um cherne.
- Folha de tabaco.
- Estrigas de carrapato batido.
- Estrigas de coco batido.
- Ourucu (chéote).
- Cinza branca de fiar.

Relação dos produtos enviados pelo Senhor Manoel dos Reis Borges, da Ilha de Santiago:

- 1 Garrafa com agoa-ardente de Canna.
- 1 Saquinho com Caffé em cereja.
- 1 " " com Caffé debulhado.
- 1 Caixa com favas Tamarindo.
- 1 Saquinho com favas spinho preto.
- 1 Coco na casca.
- 1 Saquinho farinha de mandioca.
- 1 Corda Carrapato.
- 1 Cilha.
- 1 Pacote : casca de coco carmiado.
- 1 Pacote : algodão bombardeiro.
- 1 Corda de coco.
- 1 Pacote. milho em espiga.
- 1 Pacote : favas de spinho branco.

- 1 Pacote: Casca (Tarvora spinho preto).
- 1 Pacote: Raio d' "
- 1 Saquinho : Caffé grão de Cevadinha.
- 1 " : Gomma de mandioca.
- 1 Pacote : algodão da ilha de S. Thiago.
- 1 " : Tallo Carrapato, carmiado.
- 1 " das cinco qualidades de Feijão da ilha de S. Thiago.
- 1 " : algodão amarello "Centelha" (nome da ilha de S. Thiago).
- 1 " Casca d'arvore Zimbrão.
- 1 " Rais de semente de Pincheira..
- 1 " Favas de sponjeira.
- 1 " Semente palma Christi. "¹⁶

**Relação dos produtos enviados pelo Senhor António da Costa Ferreira Borges,
Farmacêutico do quadro de Saúde da Província de Cabo Verde:**

Coco de chabeu (fructo).
 Velludo (fructo).
 Mampataz (fructo).
 Tabacumba (espécie de nóz).
 Alfarroba.
 Pau de Sabão.
 Madronho (casca d'arvore).
 Productos Volcanicos das Ilha do Fogo.
 Conta de Cacheu.
 Bombatum.
 Bissilão.
 Mel d Abelha de Bissau.
 Mel d' canna d'assucar.
 Agua-ardentede canna.
 Rabos d'Marabús.
 Semente d'mostarda.
 Cachimbo de pau forrado de metal.
 Conta de cheiro de Bissau/¹⁷

¹⁶ Sala das Sessões da Comissão na Cidade da Praia de S. Thiago, 2 de Agosto de 1865.

¹⁷ Idem.

**Produtos enviados pelo Senhor António da Costa Ferreira Borges,
Farmacêutico do quadro da Saúde desta Província**

Nomes dos productos	Observações
Huma colcha de d'algodão	Ilha Brava
Hum panno d'obra	Ilha de S. Thiago de Cabo Verde
Hum panno para uso diário	Idem
Hum panno de retrós	Idem
Caffé	Idem
Semente de purgueira	Idem
Ursella	Idem
Estrellinha	Idem
Algodão em rama	Idem
Gomma de mandioca	Idem
Semente de carrapato miúdo	Idem
Conchas e conchinhas	Cacheu (Guiné portugueza)
Cordas de coco	Ilha de S. Thiago de Cabo Verde
Cordas de pita	Idem
Carrapato graúdo	Idem
Cana de milho com seis espigas	Idem
Semente de espinho preto	Idem
Simbó	Idem
Esteira	Bissau (Guiné portugueza)
Mancarra	Idem
Calmões	Idem
Binde	Ilha de S. Thiago d'Cabo Verde
Cornos e dentes	Cacheu (Guiné portuguesa)
Hum pente e liços para tecer	Ilha de S, Thiago de Cabo Verde
Bombardeira	Idem
Tabaco	Idem
Huma fichadura de pau	Ilha de S. Nicolau
Duas caixas para tabaco	Ilha de S. Thiago de Cabo Verde
Duas colheres de pau	Idem
Hum coco para assucareiro	Idem
Incenso bruto	Cacheu (Guiné portuguesa)
Anil (tinta)	Ilha de S, Thiago de Cabo Verde
Sabão de óleo de semente de purgueira	Idem
Dois ramos de coral	Idem
Chapéus de palha	Ilha Brava

**Produtos enviados pelo Senhor Francisco Maria de Paula Serpa,
Farmacêutico estabelecido na cidade da Praia.**

Nome dos productos	Observações
Huma forma d'assucar da terra	Ilha de S. Thiago de Cabo Verde.
Hum vidro com óleo amargoso	De Cacheu (Guiné)
Hum vidro com óleo d'peixe vermelho	Dos mares doestas ilhas.
Malagueta preta	De Cacheu e Geba (Guiné)
Pau chamado medronho	De Cacheu (Guiné portuguesa)
Casca d' Bissilão	Idem (Idem)
Resina de Bissilão	Idem (Idem)
Hum vidro com xarope de sulphato quinino	De S. Thiago de Cabo Verde
Hum vidro com xarope de essência d'salsaparilha iodorado	Idem Idem
Hum vidro com xarope de philandrio composto	Idem Idem
Hum vidro d'Apodeldok	Idem Idem

**Produtos enviados pelo Senhor Carlos Augusto Pereira de Moraes,
Capitão do Batalhão de Artilharia desta Província.**

Nomes dos productos	Observações
Duas gangas d'Guiné portuguesa	O expositor é possuidor

**Produtos enviados pelo Senhor Pedro Bento
Da Ilha de Maio**

Nomes dos productos	Observações
Saln ^o 1	Produção de salina grande
Saln ^o 2	Idem Idem Idem das
Saln ^o 3	marinhas artificiaes

Produtos enviados pelo Senhor Francisco António de Lemos,
Director da Alfândega da Ilha da Boavista

Nomes do Produto	Observações
Malvaisco	É indigena d'esta ilha
Argilla branca	Há-a no monte denominado Morrod' cor
Folha de Senne	Colhe-se alguma em toda a ilha
Lã de bombardeira	Produz-se muito e espontaneamente
Semente de bofareira	Idem, idem
Semente de purgueira	Idem mas em menor quantidade
Óleo d'semente d'bofareira	Idem
Óleo d'peixe gatta	Abunda nos mares da costa desta ilha
Semente d'mostarda	Cultivada em campo especial do expositor
Óleo d'semente d'purgueira	Faz se aqui em máxima quantidade
Herva morraça	É espontânea a sua produção
Sabão de purgueira	Fabrica-se para consumo e esporta-se algum
Terra vermelho baço	Abunda muito aqui
Aréa branca	Idem
Folhas de bofareira de duas qualidades	Idem
Folha de Lorna (Absinthium)	Idem
Folhas de Tanchagem (Plantago)	Idem
Melões bravos (coloquinlidas)	Idem
Tecido de lã de bombardeira com algodão	Fabricado aqui em piquena porção
Argilla vermelho baço em obra	Há-a aqui em abundância
Tamarinho e tamarindos	Boa produção a sua quinta da bella dita
Algodão branco em rama e sementes	Cultiva-se com bom resultado. A semente dá azeite.
Algodão amarello em rama e semente	Cultiva-se com bom resultado. A semente dá azeite.
Sal mineral petrificado.	Há quantid. nas salinas naturaes d'esta ilha.
Cal pulverisada	É industria d'alguns habitantes da ilha e abundante.
Ursella	É aqui copiosa a sua produção.
Bolsa indispensável para sens ^â .	Feita de sementes naturaes desta ilha.
Sal miúdo artificial	É o mais fértil e importante commercio d'esta costa.

**Produtos enviados pelo Senhor Manoel Nascimento Ferreira S, Almeida,
Administrador do Concelho da Ilha da Boavista.**

Nomes dos productos	Observações
Óleo de peixe gatta	Abunda nos mares da costa d'esta ilha.
Tecidos de algodão	Fabrica-se aqui por habitantes d'esta ilha.
Pelles de cabras	É indigena doesta ilha.
Algodão branco	Cultiva-se aqui com bom resultado e semente dá azeite.
Algodão amarello	Idem Idem
Óleo de semente de purgueira	Faz-se aqui em máxima quantidade.
Aréa branca	Há-a no monte denominado de Morro do Conde.
Óleo debofareira	Produz-se aqui em menor quantidade.

**Produtos enviados pelo Senhor João Zacharias Rodrigues,
Delegado de Saúde na Ilha do Sal.**

Nomes dos productos	Observações
Ursella	0 expositor e possuidor
Senne	Idem Idem
Algodão branco	Idem Idem
Algodão amarello	Idem Idem
Algodão branco (semente do Brasil)	